



UMA PROPOSTA DE IMERSÃO NA LITERATURA POPULAR EM SALA DE AULA: DO REPENTE AO RAP, POESIA QUE RESISTE

Aline Ferreira Pereira (1)¹; Elaine Morais Lourenço (1)²; Renan Nascimento da Silva (2)³; Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (3)⁴

Universidade Federal da Paraíba

Palavras-chave: Poesia popular; Literatura brasileira; Literatura de cordel.

INTRODUÇÃO

A partir do tema caracterizador “Campo, sertão e cidade”, proposto por Zilberman (2005) para ensino de literatura, foi desenvolvido o projeto didático “Literatura Popular: do repente ao rap, poesia que resiste”, estruturado em 6 (seis) aulas de literatura, levando em consideração não apenas as obras que trazem representações desses espaços (Campo, sertão e cidade), mas também as obras que são produzidas neles. O projeto contempla a produção de artistas populares e dialoga com obras do cânone literário brasileiro, estabelecendo relações entre oralidade e escrita, erudito e popular, em sala de aula.

“A poesia de cordel [...] é uma poesia escrita para ser lida, enquanto o repente ou o desafio é a poesia feita oralmente, que mais tarde pode ser registrada por escrito. [...] A poesia popular, praticada principalmente no Nordeste do Brasil, tem muita influência da linguagem oral, aproveita muito da língua coloquial praticada nas ruas e na comunicação cotidiana.” (ATHAYDE, 2016, p. 7)

Portanto, evidenciado o caráter social e linguístico da poesia popular, consideramos de total relevância propiciar o contato com obras desse segmento na escola, visando, também, desconstruir preconceitos relacionados a seu valor estético. A exemplo, podemos reafirmar o que ocorre nos poemas de cordel, que “são perfeitamente metrificados e rimados. A métrica e a rima são recursos que favorecem a memorização e tradicionalmente se costuma dizer que são resquícios de uma cultura oral, na qual toda a tradição e sabedoria são sabidas de cor.” (ATHAYDE, 2016, p.8)

No estudo de Mota (1978), encontramos a definição para os cantadores, que mantém viva a poesia oral, principalmente no sertão nordestino, prática que remonta aos trovadores provençais a partir do século XI. As cantigas populares dos trovadores, que surgiram na oralidade, posteriormente foram compiladas no que conhecemos como Cancioneiro Geral, no século XVI. Tal compilação se assemelha ao que Mota faz em sua obra “Cantadores - poesia e linguagem do sertão cearense”, que nos apresenta um precioso trabalho de transcrição, embora ele mesmo afirme não ter sido sua intenção, uma vez que “isso constituiria matéria para todo um volume e não cabe na Palestra com que vos entretenho” (MOTA, 1978, p.203).

“Cantadores são os poetas populares que perambulam pelos sertões, cantando versos próprios e alheios; mormente os que não desdenham ou temem o *desafio*, peleja intelectual em que, perante o auditório ordinariamente numeroso, são postos em evidência os

¹ Discente do curso de Letras – Português da Universidade Federal da Paraíba. Email: alinenaomais@outlook.com

² Discente do curso de Letras – Português da Universidade Federal da Paraíba. Email: moraiselaine4@gmail.com

³ Discente do curso de Letras – Português da Universidade Federal da Paraíba. Email: renanndsilva@gmail.com

⁴ Docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba.





VII ENLIJE

dots de improvisação de dois ou mais vates matutos.” (MOTA, 1978, p. 3)

Câmara Cascudo (1978) traz uma perspectiva importante sobre a literatura oral, uma vez que é esquecida nas escolas em detrimento da literatura oficial, das bibliotecas.

“A literatura oral é como se não existisse. Ao lado daquele mundo de clássicos, (...) digladiando-se, discutindo, cientes da atenção fixa do auditório, outra literatura, sem nome em sua antiguidade, viva e sonora, alimentada pelas fontes perpétuas da imaginação, colaboradora da criação primitiva com seus gêneros, espécies, finalidade, vibração e movimento, continua rumorosa e eterna, ignorada e teimosa, como rio na solidão e cachoeira no meio do mato.” (CASCUDO, 1984, p.27)

Portanto, tal projeto visa aliar os conhecimentos da literatura oral e da escrita, sem sobrepor em valor uma à outra, antes buscando proporcionar mais versatilidade ao profissional de Letras, que precisa contemplar ambos os conhecimentos na sua prática docente. Cremos que desse modo também é possível contribuir para uma melhor assimilação e apropriação dos textos literários, por parte dos alunos, uma vez que os aspectos relacionados à linguagem e sua modalidade oral são contemplados nas aulas, sendo esta modalidade a mais próxima da realidade do público discente.

Segundo Marchuschi (2007), “a língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais”. Dessa forma, vemos a necessidade de se estabelecer relações concretas entre o ensino de língua e de literatura, sendo isso viabilizado pela literatura de origem popular.

METODOLOGIA

Levando em consideração a prática de ensino e aprendizagem como uma jornada cíclica, onde o educando é o protagonista dela, e seu conhecimento prévio é importante em todo o processo, partimos do que propõem Bordini e Aguiar (1993), com a *estética da recepção* e seu método organizado em cinco fases. O foco é na formação do leitor, buscando determinar, atender, romper, questionar e ampliar seu horizonte de expectativas. As 6 (seis) aulas desse projeto foram estruturadas com base nesse método.

Quanto às obras selecionadas, buscamos manter um diálogo constante entre elas a partir do tema caracterizador “Campo, sertão e cidade” (ZILBERMAN, 2005).

Foram escolhidos 1 (um) romance, 3 (três) poemas, 2 (dois) documentários, 1 (um) vídeo de campanha publicitária, 1 (um) longa-metragem de ficção, 3 (três) pinturas, 4 (quatro) músicas e 1 (uma) disputa poética (repente).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O romance *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, é o retrato do homem do sertão, que vive sem perspectiva de melhora, e sofre a opressão socioeconômica juntamente com sua família. O título da obra não é por acaso: a narrativa é seca, sucinta, assim como a vida dos personagens, e esse é um fator que chama a atenção do leitor. É possível realizar um link entre o romance e o poema *Morte e Vida Severina* (1955) na leitura do capítulo 9 (nove), intitulado *Baleia*. Como a temática morte é presente nas duas obras, é possível levantar discussões sobre como a morte é abordada





VII ENLIJE

nesses dois casos. É interessante mostrar humanização da morte da personagem Baleia e banalização da morte revelado no poema de João Cabral de Melo Neto.

O poema *Morte e Vida Severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto nos mostra a realidade do sertanejo, que dessa vez resolveu sair em busca de uma vida melhor na cidade grande, no estado de São Paulo. O enredo é envolvente e traz marcas frequentes de oralidade, o que proporciona uma leitura fluída em sala de aula. Além disso, é uma ótima ilustração do tema caracterizador, uma vez que o sertanejo emigra para a cidade, sua poesia também o acompanha. Esse processo simultâneo é identificado no estudo de Ayala (1988), pesquisadora dos aspectos da cantoria nordestina, que nos apresenta algumas das manifestações artísticas que ocorrem na modalidade oral da língua, em seu livro “No arranco do grito”. O repente, o coco e a embolada são segmentos que surgem e se estabelecem como tradição oral da poesia, e carregam consigo a identidade, a regionalidade do povo nordestino, e sobretudo, do sertanejo, para a cidade de São Paulo, na década de 40.

O poema *Cante lá que eu canto cá* (1982) é uma espécie de peleja entre um interlocutor do sertão e outro da cidade. Patativa do Assaré, consagrado poeta popular, diretamente do Ceará nos traz grandes reflexões acerca do homem e poeta do sertão. “*Pra gente cantá o sertão, / Precisa nele morá, / Tê armoço de fejão / E a janta de mucunzá, / Vivê pobre, sem dinhêro, / Socado dentro do mato, / [...] Pra sê poeta diversa / Precisa tê sofrimento. / [...] E a dô só é bem cantada, / Cantada por quem padece...*”. Esses trechos também trazem à tona os aspectos da oralidade na escrita, bem como as variações linguísticas que ocorrem na língua falada, como o apagamento do rótico -R no final das palavras, muito recorrente na fala do povo nordestino, como aponta Lima (2014). A licença poética permite que tais colocações sejam aceitas na modalidade escrita da língua. Esse poema é estruturado em quadras e sextilhas, o que permite que a leitura seja feita em forma de batalha, para remontarmos o que ocorre no repente com as disputas poéticas. A turma será dividida em dois grupos e cada estrofe será lida alternadamente por um dos integrantes de cada grupo. A linguagem utilizada pelo poeta também facilita a interação dos alunos, uma vez que o poema foi escrito como a língua é falada no Nordeste brasileiro.

Quanto ao poema *Cordel desencantado* (2011), de Antonio Carlos de Oliveira Barreto, vemos a percepção do homem sertanejo mais uma vez, que reflete sobre a vida e a sociedade através da poesia. Também problematiza a falta de valorização aos poetas, especificamente, os cordelistas, repentistas, emboladores, xilógrafos e cantadores. Como bem aponta Ayala (1988), o repente, a embolada e a poesia dos folhetos são manifestações poéticas autônomas, uma vez que possuem histórias, produtores, formas de veiculação/consumo e normas estéticas distintas, mas todas elas, como meio de narração popular, são símbolos de resistência à alienação, à perda de identidade cultural e, principalmente, a integridade enquanto seres humanos.

No que se refere à representação da poesia das cidades e o cenário urbano na música, no cinema e na literatura, recorremos ao *rap* como forma de expressão dos sujeitos e de suas problemáticas sociais. Dada também sua semelhança com o repente e das disputas, enquanto manifestação poética e de improviso.

O documentário “Cada canto um rap, cada rap um canto” (2014) relata bem o processo de criação desses artistas e como a poesia popular também se manifesta nas grandes cidades. Na música “Não existe amor em SP” (2011), do *rapper* Criolo, vemos isso bem explícito. No documentário “Eu carrego um sertão dentro de mim” (1980), é possível conhecer mais sobre o cotidiano do sertanejo e dos cantadores. Com a música “Norte Nordeste me veste” (2016), o *rapper* nordestino RAPdura Xique-Chico se posiciona contra o preconceito entre regiões e exalta a cultura nordestina. Em meio às batidas do *rap*, ele introduz instrumentos como o pandeiro em ritmo de embolada, algo que dialoga com a letra da música, uma vez que fala da realidade do sertão através de um ritmo que é mais comum no contexto urbano.





VII ENLIJE

Na campanha publicitária em que uma marca propõe uma disputa poética entre o rapper Emicida e os emboladores Caju e Castanha (2012) vemos claramente como ambas as técnicas, do rap e da embolada, estão interligadas e coexistem. Também selecionamos a batalha “Meia quadra” (1972) de Severino Pinto e Lourival Batista, repentistas, sempre acompanhados da viola e da apresentação em público, mostrando todo o requinte literário nos aparentes singelos cantos populares.

A música “Cabidela” (2013), da banda paraibana “Seu Pereira e coletivo 401”, também se alimenta das narrativas populares e de jogos semânticos, fazendo referência ao poema “Morte e Vida Severina” (1955) e proporcionando reflexões acerca da morte precoce e sua banalização, assim como ocorre no poema de João Cabral de Melo Neto.

Para dialogar com o romance “Vidas Secas” (1938), escolhemos a música “Disparada” (1997), interpretada por Zé Ramalho, uma vez que retrata bem a vida do personagem Fabiano e sua família. As pinturas “Retirantes” de Cândido Portinari (1944) e “O sertão em tempos de seca” de J. Borges também serão utilizadas como auxílio para os textos literários.

Apresentaremos a xilogravura “Os violeiros” de Marcelo Alves Soares (2003), para enfatizar a similaridade entre os cantadores e os trovadores, uma vez que é importante ressaltar a ancestralidade da poesia popular, mencionando os trovadores provençais na Idade Média.

O longa-metragem de ficção “O auto da compadecida” (2000) será citado como referência cinematográfica regional.

Com o objetivo de analisar o quanto foi absorvido pelos alunos, será solicitado que os alunos pesquisem cordéis e *raps* da preferência deles. Para que esse material seja socializado, realizaremos um sarau poético, onde os estudantes possam ficar livres para interpretar, recitar e declamar os textos escolhidos.

CONCLUSÕES

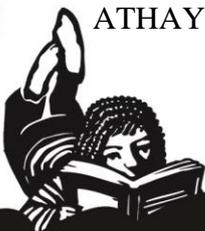
No momento que pretendemos contemplar ambas as modalidades da língua portuguesa, expressas na poesia popular - oral, no que se refere ao repente, e posteriormente, às batalhas de *rappers*; e escrita, no que se refere à literatura de cordel - precisamos levar em consideração os aspectos sociais e linguísticos inerentes a estas. É de grande importância que o público discente consiga identificar os gêneros populares e seu valor artístico enquanto resistência cultural, bem como perceber os aspectos sociolinguísticos e fonológicos da língua portuguesa presentes nas obras escolhidas, tomando a literatura como expressão máxima e ilimitada do poeta da cidade ou do sertão, seja através da oralidade ou da escrita.

Lidar com poesia popular em sala de aula é um desafio, na medida que requer do professor uma postura crítica e consciente dos fatores envolvidos na configuração dessa manifestação artística, geralmente, tão pouco valorizada nas escolas. Encontramos no tema caracterizador de Zilberman (2005) o subsídio para inserir a literatura popular e proporcionar uma prática de ensino-aprendizagem mais significativa, uma vez que conecta a obra à realidade do artista e, pela sua variedade de recursos proporciona uma experiência multidisciplinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYALA, Maria Ignez Novais. **No arranco do grito - aspectos da cantoria nordestina**. São Paulo: Ed. Ática. 1988.

ATHAYDE, João Martins de. **Cordel na escola**. João Pessoa: Mundial edições, 2016.





VII ENLIJE

- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Ensinar literatura através de projetos didáticos e de temas caracterizadores.** In: _____. (Org). 2ª ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. cap. 1, p. 9-23.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura - a formação do leitor: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CÂMARA CASCUDO, Luis da: **Literatura Oral no Brasil.** Belo Horizonte, Ed. Itatiaia ; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1984, 3ª ed.
- LIMA, Fagna de Souza. **A oralidade em poemas de Patativa do Assaré.** [manuscrito] : / UEPB: Trabalho de conclusão de curso. 2014.
- MARCHUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MOTA, Leonardo. **Cantadores;** prefácio de Luís da Câmara Cascudo. 5ª ed. Rio de Janeiro. Cátedra. 1978.
- NETO, João Cabral de Melo. **Morte e vida Severina.** In: Morte e vida Severina e outros poemas para vozes. 34. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- OS TROVADORES: DE FONTE LUSITANA PARA O NORDESTE BRASILEIRO. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/os-trovadores-de-fonte-lusitana-para-o-nordeste-brasileiro/21470>>. Acesso em 10 jun. 2018.
- TAVARES JÚNIOR, Luiz. **O Mito na literatura de cordel.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** 71 ed. – Rio de Janeiro: Record, 1996

